

# MENINAS NÃO ACREDITAM EM PRINCESAS NEGRAS

Petronilha Alice Almeida Meirelles<sup>1</sup>

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.*

*Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.*

(Nelson Mandela)

A História da Cultura Afro-Brasileira Africana e de suma importância que seja trabalhada nas escolas no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Universidades. Na grade curricular a temática da história e da cultura afro-brasileira deveria ser incluída nos cursos superiores. São locais em que estão presente a diversidade de cor, religião e culturas adversas. É nesse contexto que os indivíduos devem ser preparados para o exercício de cidadania, crítica e participativa. De acordo com os PCNs:

O cotidiano da escola permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade. Partilhar um cotidiano onde o simples “olhar-se” permite a constatação de que são todos diferentes traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível (PCN, 2001, p. 53).

Ao olhar para os habitantes do nosso país é possível notar claramente as raízes da beleza afrodescendente em cada rosto associada pela cor da pele e aos cabelos crespos. Entretanto, essas raízes são renegadas pelos próprios indivíduos. Logo, se a temática não for valorizada perde-se ao meio do preconceito latente em nossa sociedade, sendo simplesmente desvalorizada.

Nesta perspectiva, construíram-se questões que nortearam este trabalho:

- Por que as meninas não acreditam em uma realeza africana?
- Qual deve ser a ação dos professores para resolverem os impasses de preconceito que surgem no âmbito escolar?

Histórias verdadeiras da cultura africana são às vezes tomadas como inverdades para as crianças, como exemplo, a realeza das princesas africanas. Elas tomam como referencial verdadeiro de princesas as europeias, as americanas, e as princesas dos contos de fadas ilustradas pela Disney. Além disso, de um modo geral, mulheres, negros e indígenas são desprovidos de autenticidade, ou seja, são apresentados caricatos na maioria dos livros didáticos e literatura infanto-juvenil. Motta (2002) explica:

Sabemos que o livro didático é o principal instrumento ideológico da escola. A criança não vê nele seu cotidiano representado, mas muitas vezes percebe a ausência de pessoas negras representadas ou ocupando posições subalternas. Isso resulta em uma sensação de estranheza, podendo levar a criança negra a

---

<sup>1</sup> Universidade Augusto Motta, Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: [alicegemeos@yahoo.com.br](mailto:alicegemeos@yahoo.com.br).

autodepreciação, e a construção de uma autoimagem negativa (SOUZA, MOTTA, 2002, p. 44).

Atualmente, algumas editoras atentam um pouco mais para as imagens, entretanto, ainda a figura do branco prevalece em comerciais infantis, de escolas, de alimentos entre outros. Percebe-se perfeitamente que quando a imagem do negro aparece é apenas uma forma de ocultar o preconceito, pois a do branco tem sempre maior destaque.

Ainda sobre livros didáticos e de literatura infanto-juvenil Silva (2008) comenta,

A inviabilização do negro, a difusão de um imaginário negativo em relação ao negro dos significados positivos em relação aos brancos é estratégia de discurso racista observada como forma de discriminação no interior das escolas, via livros didáticos e literatura Infantojuvenil [...] (SILVA, 2008, p. 95).

De acordo com Miranda (2012, p. 17): “A interpretação do passado, sob o olhar crítico do presente, e a articulação – em um único espaço textual- de fatos considerados verídicos e fictícios desestabilizam o conceito de história [...]”

A História da Literatura Africana é riquíssima. Ela é muito importante para quebrar paradigmas e despertar nos aprendentes os valores culturais, levantando assim, a autoestima dos afrodescendentes. Os contos africanos possuem um valor inegável para trabalhar os conteúdos curriculares determinados pela Lei.

Embora o Governo Federal através da Lei 10.639 / 2003, veja uma tentativa para reparar os erros cometidos em outrora, e que até hoje permanecem enraizados através das gerações causando tanto preconceito e desigualdades sociais e raciais entre as pessoas afrodescendentes são poucas as escolas que a cumprem, e quando o fazem é somente para comemorar o Dia da Libertação dos Escravos e Dia da Consciência Negra. Mas só isso não basta. Entende-se que o assunto é para ser trabalhado o ano inteiro através da interdisciplinaridade, e não, somente nas aulas de História. Além disso, muitos livros de literaturas africanas chegam às escolas e são engavetados.

Entende-se que é função do professor quebrar paradigmas dos muitos tempos passados de preconceito. Retomando aos PCNs (2001),

Aqui se coloca a sensibilidade em relação ao outro. Compreender que aquele que é alvo de discriminação sofre de fato, e de maneira profunda, é condição para que o professor, em sala de aula, possa escutar até o que não foi dito. Como a história do preconceito é muito antiga, muitos dos grupos vítimas de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor do grito silenciado é mais forte que a dor pronunciada (PCN, 2001, p. 55).

Por que não pode haver princesas negras? Somos crias da miscigenação racial. O Brasil precisa lutar para que o racismo fique no passado. A diversidade é a cara do país, mas os padrões de beleza ditam as normas e a inferioridade que recai sobre a negritude, embora muitos tabus tenham sido vencidos. Concordando com Coll (2000, p. 322), “os valores dão sentido, orienta e possibilita a tomada de decisões, representação subjetiva de mundo”. O teórico esclarece que são os valores que exemplificam e estabelecem as normas para que tudo se volte para o bem estar da sociedade.

Tomando como exemplo, os adágios populares: “Mulher negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar”; “Negro quando não suja na entrada borra na saída” percebemos que a sociedade inferioriza a negritude por décadas.

Apurando o olhar para as mulheres do nosso Brasil, poderemos descobrir esplendorosas Cinderelas, Brancas de Neves, Rapunzéis, Belas, Belas Adormecidas entre tantas, cobertas pela beleza da afrodescendência, mas elas duvidam do seu valor, valorizando a beleza oposta.

O estudo foi fundamentado nas ideias e concepções de autores como: Motta (2002), Coll (2000), Abramowicz (2006), Candau (2005) entre outros.

## Desenvolvimento

A educação é fator prepotente no processo de formação de qualquer sociedade, e a escola, por sua vez, enquanto instituição educativa desempenha um papel primordial no desenvolvimento de qualquer indivíduo e oferece perspectivas para a ampliação da cidadania de um povo, sendo cenário das diversas interações.

Interagir com outras pessoas é fator indispensável da vida humana. Desde o nascimento a criança relaciona-se com seus semelhantes, sejam eles adultos ou crianças, formando assim, vínculos afetivos e sociais e é nesse contexto, que são influenciados pelos valores culturais.

Em um projeto realizado na Escola Municipal João de Deus, situada na Praça Almeida Garret, S/Nº, Penha Circular, Rio de Janeiro/RJ. Observou-se a presença latente da discriminação racial, por parte de crianças na faixa de oito a doze anos de idade, que mesmo afrodescendentes mostravam seu lado preconceituoso, não aceitando sua cor e declarando-se brancas e discriminando as demais que possuíam a cor da pele mais negra.

As meninas brancas e afrodescendentes não acreditavam em princesas e príncipes negros, estas renegavam suas próprias origens declarando-se brancas, quando na verdade eram negras ou pardas. Estes alunos faziam parte do projeto do OBEDUC/INEP de contadores de histórias. Aproveitando o projeto de contação de histórias, buscou-se um modo de minimizar os preconceitos latentes no âmbito escolar. Recorreu-se aos contos da literatura africana para leitura, contação e dramatização. Dramatizou-se de início *O casamento da princesa* de Celso Sisto, *A menina do laço de fita* de Ana Maria Machado. *Gosto de África: histórias de lá e daqui* de Joel Rufino dos Santos, *Dois fios* de Pep Molist entre outros. De acordo com Eco (2006, p. 93) “[...] Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo, ou vão acontecer no mundo real [...]”. Assim era possível traspasar o imaginário para o real.

Também, as turmas conheceram a realeza africana entre elas a Princesa Akosua Busia da Família Real de Wenchi, a Princesa Elizabeth Bagaaya de Toro, a Princesa Ângela de Liechtenstein e suas respectivas histórias através de vídeos, pois ao ver, torna mais convincente o fato. Apresentou-se tanto as diferenças étnicas raciais como as culturais com o objetivo de que através dos fatos vivenciados pelas personalidades da vida real, percebessem que existem mulheres negras belas com histórias de vida de superação, capazes de provocar paixões, ou seja, verdadeiros contos de fadas da realidade africana.

Para Anete Abramowicz (2006, p12) “diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. Assim, é possível afirmar que as diversidades são múltiplas.

Mostrar a diversidade cultural existente no Brasil através de aulas enunciadas, não é suficiente para convencer sobre os preconceitos latentes de crianças, jovens e adultos. É preciso criar projetos, reescrever, reestruturar as certezas. É preciso pontuar que a igualdade é diferença não é a mesma coisa. Como pontua Candau:

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade,

e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice, (CANDAUI, 2005, p. 19).

Em um universo em que se pretende provar que todos têm seu valor de destaque é preciso mostrar através de projetos teatrais que o negro pode ser o branco, como por exemplo, os contos de fadas em que todas as figuras do bem são dotadas da beleza da pele alva e esbeltas. Em uma releitura os personagens trocavam de cor, fadinhas e rainhas negras, ogros belos ganhavam nova roupagem.

O intuito era de provocar uma discussão entre os alunos. Uma Rapunzel com a sua beleza afrodescendente tinha cabelos crespos e curtos. Para atender as ordens da suposta mãe, a princesa jogava uma corda, sendo que o príncipe negro conseguiu subir no castelo e salvar a princesa. Um príncipe negro para uma Cinderela branca pode-se perfeitamente inverter os valores. O branco pode ser o escravo, o empregado da rainha sem que perca o seu valor.

Percebeu-se que as histórias estavam surtindo efeito, colocou-se uma dramatização para cada mês.

Os questionamentos de alunos eram imediatos. Muitos se negavam a participar da dramatização, sendo preciso levá-los ao convencimento. Muitas perguntas: “*Por que Rapunzel é a G? Ela é preta*”. “*Não existe princesa negra!*”; “*Não quero ser a Branca de Neve, porque L é o príncipe, ele é negro!*”; “*Príncipe tem que ser o F que é branco de olhos verdes*”; “*Não quero ser príncipe, nunca vi princesa negra! Ela é feia!*”; “*Está maluca professora?*” “*A Fada Sininho é branca!*”; “*Risos... Pinóquio é branco!*”. “*A M é gorda e preta, as princesas não são assim!*”. Diante da fala dos discentes tornava-se possível levá-los ao debate e reflexão crítica.

Explicava-se que preconceito é crime. Que todos possuem os mesmos direitos, que os contos de fadas foram escritos em épocas passadas, que as princesas da Disney não são reais, mas mesmo assim, era muito difícil convencer as crianças, pois eram vítimas de uma sociedade preconceituosa, que até hoje não consegue livrar-se do passado secular.

Com o andamento do projeto foi percebido que a discriminação diminuía paulatinamente, aceitavam sem reclamar a inversão dos papéis e o “*bullying*” foi acabando na escola, pois durante as encenações todos assistiam, inclusive os responsáveis. Os visionamentos sobre questões étnicas raciais eram para todos, inclusive os pais.

O projeto intitulado *Por que as meninas não acreditam em princesas negras?* foi desenvolvido ao longo de oito meses com culminância no Dia da Consciência Negra, em que cada turma apresentou números de danças ligados a herança africana, houve um show de capoeira com o Grupo de Capoeira do Contramestre do Jagunço e outros.

Propiciar aos alunos um repensar sobre as desigualdades étnicas raciais e outras pode constituir-se para os mesmos um subsídio de reflexão sobre atitudes preconceituosas, favorecendo assim, a formação da autocritica e o julgamento de suas ações, para que possa tornar-se cada dia melhor em relação ao seu próximo.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, concluiu-se que existe preocupação com o preconceito na escola, comentando o ocorrido entre meninas negras e pardas, bem como a discussão sobre o racismo com a intenção de minimizá-lo no âmbito escolar e conseqüentemente na sociedade.

O professor enquanto agente formador dos processos de aprendizagem torna-se responsável na mediação das relações entre alunos para amenizar conflitos e tensões sejam elas de qualquer ordem.

É sabido que se trata de um assunto polêmico que exige muitos estudos. O feito na escola fica como sugestão de trabalho para o Ensino Fundamental.

Não houve a pretensão de acabar com os problemas étnicos raciais, pois são de ordem social. Nesse interim, cabe aos professores zelar pelo bom convívio entre os alunos de diferentes etnias. O estudo não foi dado como concluído, pois a cada momento surgem casos levam a novos questionamentos.

### **Referências**

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

CANDAU, Maria Vera. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In CANDAU, Maria Vera. (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Schwarcz. Ltda, 2006.

MIRANDA, Maria Geralda. **Brasil, África e Portugal: Tramas históricas e laços culturais**. Rio de Janeiro: Prismas, 2012.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Ministério da Educação. São Paulo, 2001.

SILVA, P. V. B. **Racismo em livros didáticos na escola**, estudo sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa. São Paulo, 2008.

SOUZA, I. S, MOTTA, F. P. C, FONSECA. **Estudos sociológicos e antropológicos**. São Paulo, 2002.